



Bárbara Alexandre Aniceto (2020) “Pela abstinência do falo”: Um estudo das esposas atenienses na comédia antiga. Curitiba: CRV, 174p. ISBN 978-85-444-4123-7. R\$37,69

Carol Martins da Rocha (Universidade Federal de Juiz de Fora)

carol.rocha@ufjf.br

O livro de Bárbara Aniceto, resultado de sua pesquisa de mestrado, trata da participação das esposas atenienses no espaço da *pólis*, tomando por base a representação delas na comédia antiga grega, mais especificamente na obra de Aristófanes (V-IV AEC). Munida de conceitos que relacionam o viés historiográfico e o conceito de gênero, a estudiosa elege como escopo três das onze comédias integrais que nos chegaram do autor: *Lisístrata*, *Assembleia de mulheres* e *Tesmoforiantes*. O que une precisamente essas três peças é o fato de que nelas as mulheres, que aqui são esposas legítimas, têm um papel de destaque, sobretudo no que diz respeito a sua relação com a cidade e a política. Partindo, então, da premissa de que esse destaque das personagens femininas tem como objetivo mais do que proporcionar o riso à plateia – opondo-se a um reducionismo da presença feminina apenas como motivo de ridicularização –, tem-se aqui um estudo que vê na obra de Aristófanes certo intuito crítico e reflexivo no contraponto entre feminino e masculino, privado e público.

O livro tem a seguinte estrutura: uma apresentação, seguida por dois prefácios, três capítulos e uma série de apêndices que destacam trechos das diferentes peças do poeta cômico tomados como documentais. Na apresentação, a estudiosa expõe as linhas gerais de seu trabalho, com destaque para a discussão da influência do conceito de gênero nos estudos da história, sobretudo a partir de

Joan Scott e Judith Butler,¹ pensadoras essenciais para a discussão da categoria “mulheres” e também das conexões culturais entre sexo, gênero e sexualidade. O primeiro capítulo é dedicado, em linhas gerais, à discussão sobre o possível caráter crítico que a obra de Aristófanes teria, sobretudo no que diz respeito à reflexão quanto ao papel fundamental da mulher no campo político. Já no segundo, Bárbara Aniceto contextualiza o período histórico em que as obras aristofânicas foram compostas, discutindo o modo como os conceitos de *pólis* e de democracia adotados pela historiografia atual têm deixado de lado a relevância da constituição cotidiana das sociedades, de modo a ignorar o papel das mulheres na manutenção da *pólis*, na organização do *oíkos* ou na realização de festivais. Por fim, no último capítulo deste livro, Bárbara Aniceto, valendo-se do conceito de identidade, discute o modo como homens e mulheres atenienses se percebiam naquela sociedade. Feito esse resumo dos principais pontos de cada parte do estudo, passemos, então, a tratar mais detidamente das discussões propostas pela pesquisadora.

No primeiro capítulo, Aniceto apresenta algumas informações sobre a carreira de Aristófanes, enfatizando o possível papel crítico da comédia na sociedade ateniense. Neste ponto, é possível perceber como a estudiosa procura relacionar informações da realidade grega da época (por exemplo, por meio de alusões presentes no texto aristofânico) ao seu tema principal: por que as mulheres ganharam destaque nas três peças em análise? Para Aniceto, tal fato é, inicialmente, um índice da relevância que as mulheres teriam na vida cidadina, e que, por isso, passariam a tema e mote nas comédias de Aristófanes. A seguir, a estudiosa apresenta informações sobre os manuscritos das comédias aristofânicas e também acerca da recepção e performance dessas peças nos palcos da Grécia antiga. Ainda que se admita a importância não só de se conhecer a história da transmissão dos textos e, conseqüentemente, conhecer o estabelecimento de seu conteúdo (excluindo-se, assim, por exemplo, possíveis interpolações às obras de Aristófanes), mas também de levar em consideração aspectos concernentes à performance teatral, nota-se nessa parte do estudo certa superficialidade. Talvez isso se deva ao fato de que o presente trabalho privilegie

¹ J. Scott (1995) Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e realidade*, 20(2), p. 71-99; J. Butler (2003) *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

uma abordagem da história que pensa o texto como documento e, por isso, não se aprofunde em questões que extrapolam tal campo. Assim, a argumentação em alguns pontos vale-se excessivamente do leque (relativamente pequeno) de estudos secundários levantados pela estudiosa. De todo modo, acredito que uma avaliação mais detida das informações trazidas pela bibliografia secundária, em contraste com outras fontes, poderia sanar problemas dessa ordem. Quanto a este capítulo, menciono dois exemplos dessa falha. O primeiro é a confusão – que credito a um entendimento errôneo das informações trazidas por Niall Slater (2016) – envolvendo Galeno (e não Galeano), médico (e não físico) de Pérgamo (p. 58).² O segundo é a discussão, por vezes rasa, sobre temas que já foram amplamente discutidos, como o caráter mimético do teatro (p. 59) ou o que faria rir na Antiguidade (p. 61).

Antes do encerramento deste primeiro capítulo, temos um mapeamento do modo como o campo da história tem lidado com a obra de Aristófanes e suas relações com o conceito de gênero. Certamente é neste aspecto que o estudo de Bárbara Aniceto se destaca, trazendo ao leitor uma abordagem que ainda não se estabeleceu no país tão amplamente como acontece no exterior. Ainda que no campo da história estudos que levam em conta o conceito de gênero, como os de Margareth Rago, já tenham certo destaque, não há, como reconhece Bárbara Aniceto, sobretudo quanto ao mundo antigo, uma bibliografia extensa no que se refere à articulação entre obras literárias, como as peças do comediógrafo grego em questão, e abordagens sociológicas e históricas, como a dos estudos de gênero ou da história das mulheres. Ciente desse caráter duplo (histórico e literário) de seu estudo, Bárbara Aniceto recorre a pesquisadores e pesquisadoras, do Brasil e do exterior, que se dedicaram à obra de Aristófanes (ou à comédia antiga) a partir de diferentes perspectivas. Assim, a estudiosa vale-se não apenas do trabalho, por exemplo, de Adriane Duarte,³ que tem abordado a comédia aristofânica do ponto de vista literário, mas também analisa e contrapõe trabalhos de cunho histórico

² N. Slater (2016) *Aristophanes in Antiquity: Reputation and reception*. In: P. Walsh (org.) *Brill's Companion to the Reception of Aristophanes*. Leiden/Boston: Brill, p. 3-21.

³ A.S. Duarte (2000) *O dono da voz e a voz do dono: A parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas.

(principalmente do cenário nacional), como o de Fábio de Souza Lessa e Gisele M. Mata.⁴

Ao tratar, no segundo capítulo do livro, dos festivais em que as peças eram representadas, Aniceto está interessada em avaliar as relações entre a sociedade ateniense, no espaço da cidade, e o teatro, considerado um importante meio de educação e exposição de debates e críticas à cidade, sobretudo durante essas ocasiões performáticas. Essa avaliação tem como objetivo, nas palavras de Aniceto, “esclarecer a relação entre democracia ateniense, a trama aristofânica e o feminino” (p. 73). Mais uma vez, aplica-se aqui uma mudança de foco: em vez de se concentrar no papel masculino dos cidadãos, o estudo se volta para o caráter plural da plateia. Também a noção de *pólis* e, conseqüentemente, de democracia apresentadas no estudo refletem as mudanças pelas quais as abordagens históricas têm passado. A discussão encaminhada procura construir uma ideia mais heterogênea tanto da vida em sociedade em Atenas quanto dos próprios cidadãos que a constituíam: tal multiplicidade engloba não apenas homens, mas também mulheres, não apenas cidadãos em situações específicas de deliberação, mas em suas vidas cotidianas constituindo a existência comunitária de uma *pólis*. Tal variedade estaria representada, por exemplo, no grupo de esposas líderes da peça *Assembleia de mulheres*.

Dessa maneira, Bárbara Aniceto propõe no último capítulo de seu estudo deter-se, então, na participação feminina na Atenas dos séculos V e IV AEC em sua relação com o papel dos homens. Para a estudiosa, tal atuação das mulheres baseia-se na relação social, política e cultural entre a esfera do masculino e do feminino. Ainda em sua avaliação, que leva em consideração o conceito de identidade – importante, sobretudo, para a história de gênero –, o heterogêneo grupo de esposas representadas nas peças aristofânicas oscila entre o paradigma da boa esposa e a transgressão desse comportamento tido como submisso. Se, por um lado, há ali a representação de uma esposa “padrão”, intitulada por Aniceto como Melissa – alcunha criada por Semônides de Amorgo –, por outro, não deixam de comparecer ao palco do comediógrafo esposas atuantes, conscientes de sua relevância e papel nas questões da cidade. Analisando trechos das peças

⁴ F.S. Lessa (2004) *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad; G.M. Mata (2008) A legitimação do poder patriarcal na sociedade ateniense clássica – exclusão feminina. In: *Revista Chrônidas*, 2, p. 21-35.

de maneira mais sistemática – ferramenta que, vale mencionar, em geral, é pouco explorada no estudo –, Bárbara Aniceto discute como Aristófanes parece trazer para seu palco a discussão sobre diferentes aspectos do feminino. Quanto à *Lisístrata*, por exemplo, a estudiosa destaca como se coloca em relevo, a partir do simbolismo do leito conjugal, o modo como as mulheres são responsáveis pela manutenção da cidade. Neste aspecto, seja na organização da vida cotidiana, seja no papel de reprodutoras, as esposas, demonstram sua consciência e domínio quanto à maternidade, ao ato sexual e à fertilidade, fazendo uso estratégico de seus corpos ao, por exemplo, se unirem em greve de sexo a fim de atingir interesses próprios (mesmo que, ao fim, eles coincidam com um alegado bem da cidade).

Antes de concluir, ressalto ainda dois aspectos. Por um lado, o estudo de Bárbara Aniceto é estimulante ao enfrentar as dificuldades que se impõem a quem procura discutir questões amparando-se num texto literário. Aventurar-se pelos limites entre ficção e realidade, sobretudo quando milênios nos separam daquela sociedade que o texto literário em questão pode estar representando, não é tarefa fácil. Aniceto, imbuída do objetivo de tomar a comédia aristofânica como documento, que retrata uma realidade factual, procura trilhar esse percurso amparada em uma bibliografia sólida, no que diz respeito à área em que se insere e aos conceitos que adota. Por outro lado, é perceptível como a falta de uma bibliografia robusta da área da literatura resulta, por vezes, em uma leitura que, se não ingênua, acaba por parecer enviesada. Cito um exemplo. Ao tratar da terminologia que o comediógrafo usa ao se referir à esposa legítima, Aniceto evoca uma passagem de *Lisístrata* em que se menciona a má fama feminina, já que os homens julgariam as mulheres imprestáveis: “Meu coração está pegando fogo e sofro muito por nós, mulheres, porque os homens acham que não prestamos” (cito a tradução indicada pela estudiosa). Segundo Aniceto, o fato de que há ali um genitivo plural do termo *gyné* deixa “evidente que [Lisístrata] se remetia ao coletivo das esposas prestes a iniciar a trama contra seus maridos” (p. 109). Considerando-se que essa alegação quanto ao mau comportamento feminino é um *tópos* da comédia, ainda que Lisístrata se incluía nesse grupo de mulheres, não parece haver evidência tão clara de que a referência aqui não é simplesmente ao gênero feminino (e não, necessariamente, às esposas). Talvez

seja essa via, que conjuga mais solidamente história e literatura, uma nova trilha interessante que estudos como este possam percorrer.

Data de publicação: 01/08/2022